
As caçoilas campaniformes da anta de Bencafede (Évora)¹

JOÃO LUÍS CARDOSO²
JOSÉ NORTON

R E S U M O Neste trabalho descreve-se duas caçoilas campaniformes, com filiação em produções da Meseta Sul, cujos restos se recolheram no corredor da anta de Bencafede (concelho de Évora). Realizou-se o respectivo estudo comparativo, salientando-se as ocorrências até agora conhecidas no território português de produções campaniformes com idêntica filiação/origem, todas em estações do Alto e do Baixo Alentejo. A terminar, apresenta-se uma breve síntese sobre a presença de achados de cerâmicas campaniformes naquelas regiões, incluindo a caracterização tipológica sumária dos achados e a sua distribuição geográfica.

A B S T R A C T In this work we describe two bell beakers, with filiation in productions of Southern Meseta, whose remaining portions were collected in the corridor of the dolmen of Bencafede (concelho of Évora). The respective comparative study was done, being outstanding the occurrences so far known in the Portuguese territory of bell beaker productions with identical origin, all in stations of the Alto and Baixo Alentejo. To finish, one brief synthesis is presented on the occurrence of Bell-Beakers findings, including a summary typological characterization and its geographic distribution.

1. Introdução

Os materiais arqueológicos que serão objecto deste estudo foram recolhidos por um de nós (J.N.), há mais de vinte anos, à superfície, no interior da câmara da anta de Bencafede, do concelho de Évora, no âmbito de uma visita aos monumentos dolmênicos da região. Trata-se de fragmentos pertencentes a dois recipientes campaniformes, por vezes muito erodidos, em consequência da sua exposição aos agentes atmosféricos, os quais se integram no conjunto das produções cerâmicas campaniformes características da Meseta Sul. Pelo facto de tal grupo ainda se encontrar muito escassamente representado no território português — apesar das recentes descobertas efectuadas tanto no Alto como no Baixo Alentejo — crê-se de interesse apresentar esta nova ocorrência, enquadrando-a no seu contexto regional, servindo, ao mesmo tempo, para apresentar síntese actualizada sobre a presença campaniforme naquelas duas regiões.

Sem se pretender, de momento, discutir a existência das muitas covinhas que a laje de cobertura da câmara apresenta, aliás frequentes em numerosas antas do Alto Alentejo, mas sem interesse para a presente questão, importa contudo registar a arquitectura evoluída do monumento: trata-se, pois, de construção da fase de apogeu do megalitismo regional, integrável no Neolítico Final.

2. Condições de jazida e caracterização dos materiais

Os materiais campaniformes jaziam no interior do monumento, na área correspondente ao corredor, em posição já remexida, incompletos e a escassa profundidade, facto que, aliás propiciou a sua identificação e recolha.

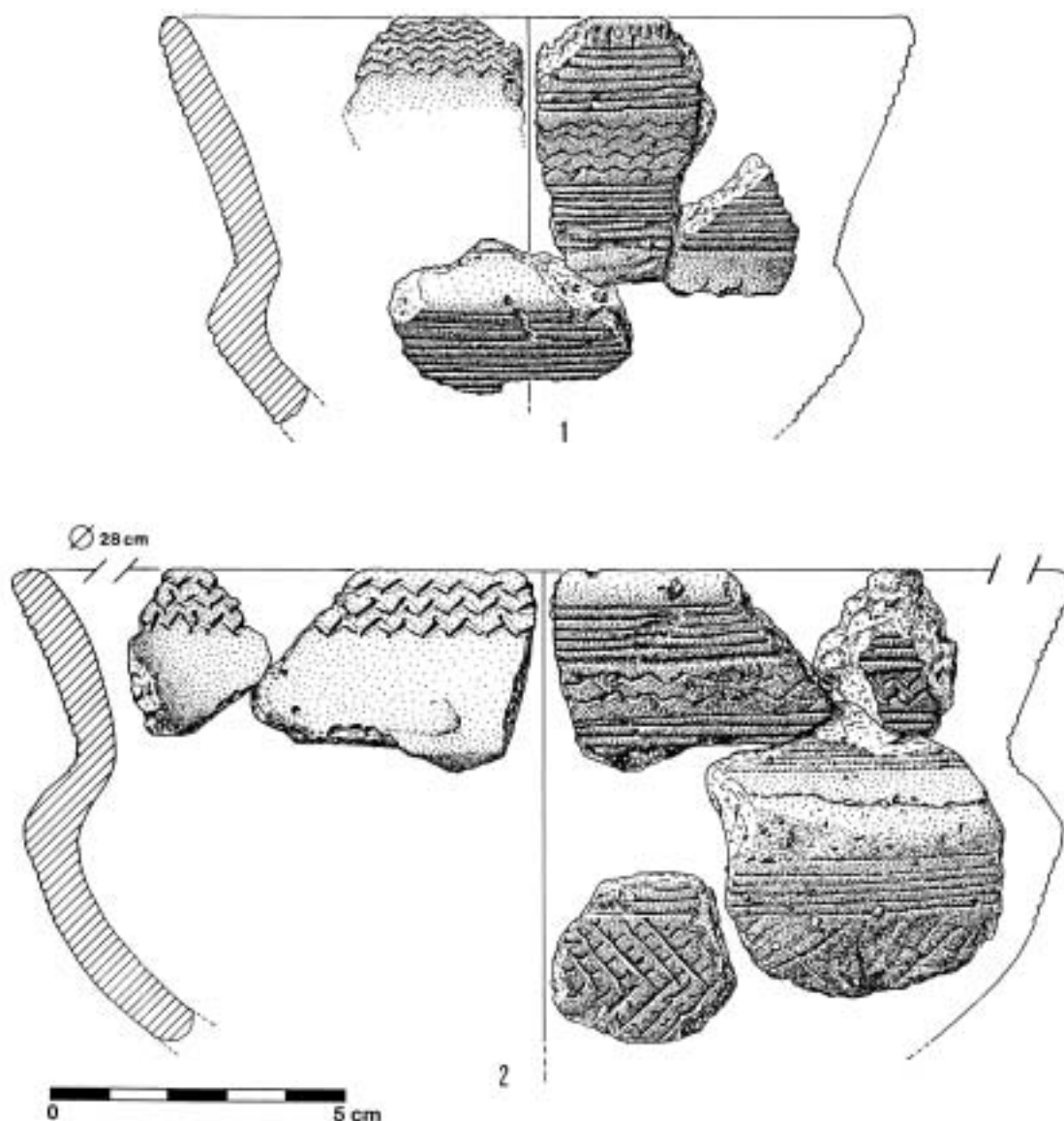


Fig. 2 As duas caçoilas campaniformes da anta de Bencafede (Évora).

Os fragmentos recolhidos pertencem a duas caçoilas campaniformes de colo acentuado, numa delas sublinhado por carena angulosa (Fig. 2). Ambas exibem profusa decoração incisa, constituída por duas bandas de linhas paralelas, uma abaixo do bordo, outra imediatamente abaixo do colo, às quais se sucede, no exemplar de maiores dimensões, padrão reticulado, de linhas oblíquas cruzadas. Entre as bandas de linhas horizontais, desenvolve-se, em ambos os exemplares, banda de zigzagues, produzidos por impressão de um fino estilete, dando o efeito de linhas incisadas onduladas; contudo, o desajustamento entre as extremidades das linhas quebradas, nos pontos de inflexão, mostra bem o modo como aquelas foram realizadas: por impressão e não por incisão contínua, como poderia parecer à primeira vista, muito menos através de uma roleta, como outrora alguns autores admitiram. A mesma decoração de linhas quebradas horizontais prolonga-se, em ambos os exemplares, pela face interna, em torno da abertura.

Como particularidade digna de registo, é de assinalar que o exemplar de menores dimensões apresenta, do lado externo, imediatamente abaixo do lábio, uma série de impressões punctiformes arqueadas, produzidas possivelmente com uma matriz em meia-cana.

Ambos os exemplares possuem coloração zonada na face externa, castanha a anegrada, sendo o interior mais escuro, em resultado de cozedura irregular, predominantemente realizada em ambiente redutor no lado interno.

As pastas são distintas: sendo muito fina e depurada a do recipiente menor, no outro é de textura média, com abundantes grãos de feldspato dispersos.

O acabamento das superfícies, conquanto nem sempre seja possível de observar, dado o elevado grau de erosão que as atingiu, apresenta-se em geral cuidado, designadamente na face interna, que usualmente é afagada, e bem alisada, conferindo-lhe grande regularidade. Este pequeno conjunto campaniforme, pela decoração barroca, finamente realizada por incisão/impressão, passando à face interna em ambos os exemplares recolhidos, inscreve-se, sem dificuldade, no grupo de cerâmicas da Meseta, exemplarmente representado pelo conjunto recolhido em Ciempozuelos, há cerca de cem anos, perto de Madrid, e que sucessivas descobertas têm vindo a alargar, no tocante à sua distribuição geográfica. Recente síntese sobre o campaniforme da Meseta Central (Garrido-Pena, 2000) reforça a inclusão dos exemplares em estudo, bem como dos adiante referidos, no grupo “Ciempozuelos com decoração interna”, diferenciando-a do Grupo de Dornajos pela melhor organização e padronização decorativas, embora este último Grupo tenha em geral uma distribuição geográfica mais próxima das ocorrências portuguesas (Garrido-Pena, 2000, Fig. 61).

3. Comparações

Os dois recipientes campaniformes da anta de Bencafede, detêm o seu melhor paralelo em território português na caçoila recolhida na anta da Herdade das Casas do Canal, Estremoz, estudada por G. e V. Leisner (Leisner e Leisner, 1955). Trata-se de megálito de câmara poligonal e corredor curto, definido actualmente por apenas dois esteios, um de cada lado (originalmente seriam dois de cada lado), cuja zona de passagem para a câmara foi selada por uma laje de fecho e outras, mais pequenas, provavelmente no Neolítico Final, à semelhança do verificado em muitos outros monumentos do mesmo tipo, de norte a sul do actual território português, configurando uma utilização sepulcral que, na maioria dos casos, terminou naquela época. Deste modo, o espaço definido actualmente pelos dois esteios ainda conservados do corredor e pela laje de fecho da câmara, era propício a uma tumulação secundária individual, a que deverá corresponder o espólio campaniforme exumado. Este é constituído por uma grande caçoila baixa, com decoração incisa de ban-

das, e uma banda de ziguezagues do lado interno do bordo, situação comum a materiais do grupo de Ciempozuelos, de outros dos contextos campaniformes do sul do país já mencionados e por um vaso campanulado liso, o qual se encontrava dentro da taça (Leisner e Leisner, 1955). Nas proximidades, apenas jazia uma lâmina de sílex, cuja relação com o conjunto não é certa.

A lista de ocorrências portuguesas de cerâmicas campaniformes de características meseternas foi nos últimos tempos singularmente aumentada mercê dos trabalhos arqueológicos realizados no âmbito de minimização de impactes arqueológicos, quer na área da albufeira da barragem de Alqueva, quer no âmbito de outras iniciativas agro-industriais promovidas por particulares.

Deste modo, reconheceu-se a existência de materiais afins dos ora estudados nos seguintes povoados:

Monte do Tosco, Mourão

Povoado calcolítico provido de uma estrutura pétreia considerada pelos escavadores de delimitação/contenção/fortificação; pela planta e fotos da mesma, poderíamos estar perante um corredor entre dois panos de muralha. Ali se detectou um importante conjunto campaniforme, liso e decorado; 32 dos 38 recipientes individualizados reportam-se a uma cabana (*Cabana 1*) cujo embasamento era constituído por muro de alvenaria (Valera, 2000, Figs. 5 e 6). 19 recipientes permitiram reconstituição, decompondo-se por 7 vasos campanulados, 6 caçoilas, das quais uma lisa, e 6 taças pequenas em calote. As decorações, exclusivamente incisas ou incisas/impressas, foram por vezes preenchidas a pasta branca; pela organização e temática, inscrevem-se claramente no conjunto dos campaniformes meseternos do grupo de Ciempozuelos. Como é normal, estes materiais eram acompanhados por testemunhos da prática metalúrgica e por produções metálicas, com destaque para um punhal de lingueta. A presença campaniforme corresponde à segunda fase de ocupação da estação, sucedendo-se a uma presença reportável ao Calcolítico Pleno. Tudo leva a crer que existiu um hiato entre ambas, já que nalguns sectores, “os materiais campaniformes ocorrem entre os derrubes e escorrências que se sobrepõem às ocupações do Calcolítico Pleno” (Valera, 2000, p. 48), restringindo-se a ocupação campaniforme, como em outros povoados, à parte nuclear da anterior ocupação calcolítica (casos de Leceia, Monte da Tumba, Porto das Carretas, Porto Torrão, Perdigões, etc.). Importa referir que, tal como o observado noutros sítios com presenças campaniformes, os artefactos de cobre são mais frequentes nesta fase e, em particular, relacionados com a *Cabana 1*.

Perdigões, Reguengos de Monsaraz

Trata-se de grande povoado, defendido por um sistema de fossos, do qual só uma pequena parte foi escavada. A distribuição superficial dos 33 fragmentos campaniformes, que correspondem ao número mínimo de 19 recipientes, sugere a existência de uma concentração em torno da área central do povoado calcolítico pré-campaniforme (Albergaria, 1998). A estes haverá que somar mais 6, perfazendo o total de 39 fragmentos. No respeitante às técnicas decorativas, apenas 7 são decorados a ponteados; um revelará a presença simultânea da técnica ponteados e da incisa; os restantes são incisos. A tipologia decorativa deste grupo, revela assinalável homogeneidade, indicando filiação directa no grupo de campaniformes da meseta, do tipo Ciempozuelos, onde não faltam alguns fragmentos decorados com uma banda simples de zigue-zagues, do lado interno do bordo, característicos daquele tipo de produções cerâmicas, de evidente origem exógena.

Três Moinhos, Beja

Deste povoado calcolítico sobre o rio Guadiana, provêm diversos fragmentos campaniformes com decoração interna e externa, correspondendo aquela banda de linhas em ziguezague, como é comum em tais casos (Soares, 1992, Fig. 6, n.ºs 11 e 12).

Entretanto, a revisão de antigas colecções, conservadas em museus, permitiu identificar a presença de cerâmicas campaniformes afins das estudadas, no povoado de Pombal, Monforte. Trata-se de sítio calcolítico implantado em vasto patamar, com excelente domínio visual da paisagem, sem que se tenham evidenciado até ao presente quaisquer estruturas defensivas. Recolheram-se apenas 5 fragmentos campaniformes, cuja pequenez impede a caracterização da forma, sendo provável que pertençam a çaçoilas. Todos são decorados por incisão, nalguns casos conjuntamente com a impressão, não deixando dúvidas para quem as publicou, quanto à sua inclusão no grupo inciso ou no de Ciempozuelos (Boaventura, 2001).

4. Cerâmicas campaniformes no Alto e Baixo Alentejo

O panorama relativo às cerâmicas campaniformes no sul do território português, evidencia a escassa presença destas produções, tanto em povoados como, sobretudo, em necrópoles, contrastando com a realidade conhecida na Estremadura. No que respeita aos povoados, a sua presença é sempre pouco importante, exceptuando dois sítios que foram recentemente objecto de escavações de emergência, no âmbito da construção do mega-emprego de Alqueva, ambos situados na margem esquerda do Guadiana, no concelho de Mourão: no Porto das Carretas, identificou-se um conjunto representado do Grupo Internacional, incluindo vasos “marítimos” com decoração a ponteadado, ainda não publicado, relacionado com estruturas defensivas e habitacionais e, ainda com um forno provavelmente metalúrgico (Silva e Soares, 2002); no Monte do Tosco, identificou-se, também, uma cabana de contorno circular, mas onde era o grupo de Ciempozuelos que dominava, indicando cronologia mais recente que o anterior e uma origem continental (Valera, 2000). São estes os dois únicos povoados em que foi possível relacionar a presença campaniforme com a existência de estruturas domésticas, tanto habitacionais, como defensivas, a que se poderá juntar o Monte da Tumba (Alcácer do Sal), cujas escassas cerâmicas campaniformes, a ponteadado (Grupo Internacional), se admite estejam relacionadas com a última fase construtiva representada por um torreão de planta subcircular edificado na zona central do dispositivo defensivo anteriormente edificado (Silva e Soares, 1987). Nos restantes casos, a ocorrência de materiais campaniformes é quase sempre esparsa e excepcional; é difícil, na maioria, a atribuição segura de todas as peças a um determinado grupo, mas o Grupo Internacional está presente em Porto Torrão (Ferreira do Alentejo), através de vasos “marítimos” decorados a ponteadado (Arnaud, 1993); em Castelos de São Brás (Serpa) (Parreira, 1983), Monte da Ponte (Évora) (Kalb e Höck, 1997), Safara (Moura) (Soares, 1992; Soares et al., 1994); em Aljustrel, recolheu-se um bordo de taça Palmela (Schubart, 1975, vol. 1, p. 119), com decoração a ponteadado; o Grupo Inciso da Estremadura, está presente de forma exclusiva no pequeno povoado de Vale Vistoso (Soares e Silva, 1976/1977), no litoral de Sines, mas também no Outeiro de São Bernardo (Moura) (Bubner, 1979; Cardoso, Soares e Araújo, 2002), povoado de altura da bacia do Guadiana: em ambos os sítios ocorre, também, a taça Palmela, decorada com a técnica incisa ou a ponteadado. Porém, em alguns casos, é difícil estabelecer separação entre as cerâmicas alentejanas que ali representam o Grupo Inciso e as cerâmicas de tipo Ciempozuelos, presentes, para

além do Monte do Tosco, nos povoados dos Perdigões e dos Três Moinhos (Beja) (Soares, 1992), e, eventualmente também, na Barrada do Grilo (Alcácer do Sal) (Santos, Soares e Silva, 1972) e no povoado do Pombal (Monforte), já antes referido. Tais cerâmicas apresentam-se, maioritariamente, com decoração incisa, correspondendo a motivos muito densos e apertados, de grande barroquismo, aplicados sobretudo a caçoilas, que possuem frequentemente a parte interna do bojo, junto da abertura, decorada por uma banda horizontal de zigue-zagues. Este é um aspecto de diferenciação segura face às cerâmicas incisas estremenhas, aspecto que se mantém nos contextos funerários: ao conjunto campaniforme, típico do Grupo Inciso, recolhido no dólmen da Pedra Branca (Santiago do Cacém) (Ferreira et al., 1975), opõe-se a bela caçoila baixa da anta de Casas do Canal, com todos os atributos para poder ser considerada uma importação mesetenha, conclusão também extensível aos dois vasos recolhidos na anta de Bencafede e, de um modo geral, aos seus homólogos dos Perdigões, do Monte do Tosco e de Três Moinhos (teria, contudo, todo o interesse efectuar um programa de análises químicas e mineralógicas sobre estes materiais, para mais firmemente se poder suportar tal asserção). Com efeito, a presença de campaniformes mesetenhos no interior do actual Alto e Baixo Alentejo, só pode ser considerada como uma extensão do grupo da Meseta Sul por domínios mais ocidentais e meridionais, correspondendo tais ocorrências, sempre excepcionais, a peças exógenas, aqui chegadas por trocas a longa distância. Já os vasos “marítimos”, poderiam ter uma origem litoral ocidental, no caso do povoado do Porto Torrão, ou do interior mesetenho ou andaluz (vale do Guadalquivir), onde se reconheceram exemplares de vasos campaniformes de tipo “marítimo” clássico, com decoração de tipo “herringbone” produzida a ponteadado (Castillo, 1928; Harrison, 1977). Aliás, a presença de influências litorâneas, ainda que muito ténues, encontra-se bem ilustrada pela ocorrência de dois fragmentos de taças Palmela em contextos tão interiores como o Outeiro de São Bernardo ou Aljustrel, correspondentes, respectivamente, a um exemplar inciso e a outro com decoração a ponteadado.

Importa, ainda, assinalar a ausência de datações absolutas publicadas até ao presente para qualquer dos contextos referidos, excepção feita à estação do Porto Torrão, cuja relevância para a discussão da cronologia do “fenómeno” campaniforme em Portugal já anteriormente foi salientada (Cardoso e Soares, 1990/1992; Cardoso, 2001). A referida estação foi, conjuntamente com o sítio do Castanheiro do Vento (Vila Nova de Foz Côa) (Arnaud, 1993; Jorge, 2002), as únicas que, em Portugal, forneceram, até ao presente, restos de vasos campaniformes cordados (ambos do tipo AOC).

Enfim, o Algarve, apesar das suas condições aparentemente propícias, especialmente ao longo da zona litoral, mas também na área do Barrocal, continua sem oferecer, até ao presente, nenhuma evidência de cerâmicas campaniformes, por razões que ainda não foram cabalmente investigadas.

NOTAS

1 Trabalho redigido pelo primeiro signatário, com base nos materiais e elementos de campo recolhidos pelo segundo.

2 Agregado em Pré-História. Universidade Aberta (Lisboa) e Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras/CMO. Fábrica da Pólvora de Barcarena. Estrada das Fontainhas 2745-615 Barcarena

BIBLIOGRAFIA

- ALBERGARIA, J. (1998) - Recipientes cerâmicos campaniformes recolhidos no povoado dos Perdigões. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:1, p. 105-119.
- ARNAUD, J. M. (1993) - O povoado calcolítico de Porto Torrão (Ferreira do Alentejo): síntese das investigações realizadas. *Vipasca*. Aljustrel. 2, p. 41-60.
- BOAVENTURA, R. (2001) - O sítio calcolítico do Pombal (Monforte). Uma recuperação possível de velhos e novos dados. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (*Trabalhos de Arqueologia*, 20).
- BUBNER, T. (1979) - Ocupação campaniforme do Outeiro de São Bernardo. *Ethnos*. Lisboa. 8, p. 139-151.
- CARDOSO, J. L. (2001) - Le phénomène campaniforme dans les basses vallées du Tage et du Sado (Portugal). In *Bell Beakers today. Actas do Colóquio Internacional* (Riva del Garda, 1998), 1, Trento: Ufficio Beni Archeologici, p. 139-154.
- CARDOSO, J. L.; SOARES, A. M. M. (1990/1992) - Cronologia absoluta para o campaniforme da Estremadura e do Sudoeste de Portugal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 8/10, p. 203-228.
- CARDOSO, J. L.; SOARES, A. M. M.; ARAÚJO, M. F. (2002) - O espólio metálico do Outeiro de S. Bernardo (Moura): uma reapreciação à luz de velhos documentos e de outros achados. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 20, p. 77-114.
- CASTILLO, A. del (1928) - *La cultura del vaso campaniforme (su origen y extensión en Europa)*. Barcelona: Universidad.
- FERREIRA, O. V.; ZBYSEWSKI, G.; LEITÃO, M.; NORTH, C. T.; SOUSA, H. R. (1975) - Le monument mégalithique de Pedra Branca auprès de Montum (Melides). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 59, p. 107-192.
- GARRIDO-PENA, R. (2000) - *El Campaniforme en La Meseta Central de la Península Ibérica (c. 2500-200 AC.)*. Oxford: BAR International Series 892.
- HARRISON, R. J. (1977) - *The Bell Beaker cultures of Spain and Portugal*. American School of Prehistoric Research. Peabody Museum, Harvard University.
- JORGE, S. O. (2002) - An all-over corded Bell-Beaker in northern Portugal: Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa): some remarks. *Journal of Iberian Archaeology*. Porto. 4, p. 107-121.
- KALB, P.; HÖCK, M. (1997) - O povoado fortificado, calcolítico do Monte da Ponte, Évora In. *Actas do II Congresso de Arqueologia Peninsular* (Zamora, 1996), 2, Zamora: Fundación Rei Afonso Henriques, p. 417-423.
- LEISNER, G. (1949) - *Antas dos arredores de Évora*. Évora: Edições Nazareth.
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1955) - *Antas nas herdades da casa de Bragança no concelho de Estremoz*. Lisboa: Fundação da Casa de Bragança.
- PARREIRA, R. (1983) - O Cerro dos Castelos de São Brás (Serpa). Relatório preliminar dos trabalhos arqueológicos de 1979 e 1980. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 1, p. 149-168.
- PIRES, C. (1896) - Antas dos arredores de Machêde. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 2, p. 229-230.
- SANTOS, M. F.; SOARES, J.; SILVA, C. T. (1972) - Campaniforme da Barrada do Grilo (Torrão-vale do Sado). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III, 6, pp. 163-192.
- SCHUBART, H. (1975) - *Die Kultur der Bronzezeit im Südwesten der Iberischen Halbinsel*. 2 vols. Berlin: Walter de Gruyter & Co.
- SILVA, C. T.; SOARES, J. (1987) - O povoado fortificado calcolítico do Monte da Tumba. 1 - Escavações arqueológicas de 1982-86 (resultados preliminares). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 8, p. 29-79.
- SILVA, C. T.; SOARES, J. (2002) - Porto das Carretas um povoado calcolítico fortificado do vale do Guadiana. *Al-madan*. Almada. Série II, 11, p. 176-180.
- SOARES, A. M. M. (1992) - O povoado calcolítico dos Três Moinhos (Baleizão, conc. de Beja). Notícia preliminar. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 9/10, p. 291-314.
- SOARES, A. M. M.; ARAÚJO, M. F.; CABRAL, J. M. P. (1994) - Vestígios da prática de metalurgia em povoados calcolíticos da bacia do Guadiana, entre o Ardila e o Chança. In *Arqueología en el entorno del bajo Guadiana*. Huelva: Grupo de Investigación Arqueológica del Patrimonio del Suroeste, p. 165-200.
- SOARES, J.; SILVA, C. T. (1976/1977) - Cerâmica campaniforme de Vale Vistoso (Porto Covo - Sines). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 2/3, p. 163-175.
- VALERA, A. C. (2000) - O Monte do Tosco 1: uma análise preliminar no contexto do povoamento calcolítico e do início da Idade do Bronze na margem esquerda do Guadiana. *Era - arqueologia*. Lisboa. 2, p. 32-51.